

Letrário\**editora*

**Apenas Palavras**

**José Eduardo Lopes**

Julho 2008



Sentiu que estava atrasado, olhou o relógio de parede e confirmou a impressão – numa rotina, fulgurante como uma onda de luz, verificou tudo aquilo de que precisava numa fracção de segundos: a carteira no bolso túrgido das calças, o relógio, as chaves, as segundas chaves, os óculos antiquados de aros redondos, o passe do metropolitano no bolso da camisa, o crucifixo e uma moeda cunhada suspensos por um fio sobre o peito; tinha tudo consigo: os objectos comezinhos, Cristo e o Marechal; e saiu de casa com passadas largas, apanhou o metro, como todos as manhãs, até à estação das Flores, onde saiu numa correnteza de gente apressada, a cheirar a desodorizante e *after shave*, pelo relógio ainda faltavam dez minutos para as nove, não se podia dizer que estivesse muito atrasado, e bastou metade desse tempo sob a luz branca do Sol para atravessar a Praça das Flores até ao gigantesco e monótono edifício onde funcionava a sede do partido, entrou e foi cumprimentando com deferência todos os que encontrava no trajecto para a sua secretária, picando o cartão num golpe de asa; sufocava-se já dentro daquela sala, com os revisores de texto sentados nas suas secretárias-ínsulas, escondidos uns dos outros por divisórias de quase dois metros de altura, não os via, mas sentia-lhes a presença e os ruídos, com estes se fundiu o chiar das rodas da carreta, e a funcionária entrou no seu cubículo para lhe destinar o trabalho e levantar os espécimes já vistoriados, não podia haver misturas, tabuleiros de pinho envernizado erguiam-se nos dois extremos da secretária, identificados com as cores verde e vermelha, murmurou um cumprimento inexpressivo e desapareceu noutra cubículo, ela lembrava-lhe a senhoria, um saco de celulite com o formato duma pêra donde emergiam os membros fusiformes e a cabeça de pescoço com papadas; antes de começar a trabalhar, colocou os óculos, abriu a gaveta solitária da secretária e retirou o seu estojo de trabalho; levantou com a unha o fecho de latão, abriu-o, e retirou do interior aveludado o corrector, duas borrachas, e dois pares de marcadores pretos, arrumou de novo o estojo vazio e retomou o trabalho da véspera, um original de um romance que uma editora pretendia publicar, folheou-o antes de procurar a marca

segura por um clipe a uma das folhas, abriu-o diante de si, e recomeçou a ler, o marcador de vigília, pronto a submergir palavras em tinta, deteve-se algumas vezes para consultar algumas palavras num dicionário à procura de sentidos ocultos e malévolos, e, quase ao fim da manhã, tinha o romance concluído, à excepção dum passo dúbio, assinalado por uma página dobrada no canto, nele, alguns amigos, antigos camaradas da tropa, reencontram-se na casa que um deles está a construir, os diálogos e o contexto da cena não ofereciam grandes preocupações, era o local que era suspeito, uma obra, um lugar de construção, onde trabalham pedreiros, podia haver ali alguma alusão aos maçons, minadores da religião e da ordem, e aquela cena podia ser o ponto de partida para um infratexto codificado, veiculando alguma mensagem panfletária e perigosa; compôs os objectos na secretária e foi bater à porta do superintendente, este atendeu-o prontamente e ele expôs a questão, as potencialidades daquela cena e, à menção dos maçons, a resposta foi imediata – havia que eliminar o capítulo inteiro, arrancar as folhas e entregá-las ao destruidor de papel, o superintendente pediu-lhe o também o nome do autor, havia que investigar o sujeito e abanar a árvore para descobrir mais pessoas implicadas, e começou a fazer telefonemas; agradeceu com humildade e voltou ao seu posto, de caminho, cumpriu as instruções e desfez-se do capítulo suspeito, e ao sentar-se à secretária, pôde depositar o original no tabuleiro dos despachados, eram horas de almoço, decidiu que precisava de um trabalho de menor envergadura para preencher o resto do dia, e estava a preparar a caixa da correspondência prisional quando ouviu os colegas a levantarem-se das suas mesas, imitou-os; a maior parte comia por ali, traziam a comida de casa e almoçavam juntos num refeitório que havia no penúltimo piso, ele não, não sabia cozinhar e não tinha quem cozinhasse para ele, o seu refeitório era um *snack bar* na praça, onde todos os dias tragava uma sopa ou uma sanduíche, abandonou o prédio e encaminhou-se para lá, no centro da praça, quase deserta sob o sol intenso, uma mulher andrajosa parecia esperar por ele, caminhando ao seu encontro, fez menção de passar-lhe ao lado mas ela

colocou-se de novo à sua frente – Conhecês-me? Lembras-te de mim? Perguntou-lhe a fulana, não sabia quem era, o rosto era vagamente familiar, talvez alguém com quem se havia cruzado no metro ou nas ruas, mas só isso, tinha a pele suja e o cabelo empastado de todos os improdutivos e, nos olhos amendoados, percebeu um brilho de demência, quando sentiu a manípula dela a fechar-se como uma garra sobre o seu braço, entrou em pânico, sacudiu-lhe a mão e desatou a correr, passou à porta do *snack bar*, e andou em círculos por diversas ruas e ruelas do bairro antes de regressar ao trabalho; quando subia a escadaria do prédio, viu-a outra vez, na base das escadas, a mirá-lo, ela permaneceu imóvel mas retirou algo dum saco para lhe mostrar, reconheceu o objecto, mesmo àquela distância, um estojo de trabalho semelhante ao que ele e todos os censores possuíam, mas nunca a vira na vida, disso estava certo, só podia ser uma louca, voltou à sua secretária e passou o resto da tarde a examinar cartas de e para prisioneiros do Estado, riscando trechos, ou a alimentar o destruidor de papel, sempre incomodado pela fome; uma das cartas prendeu-lhe a atenção, a carta para a filha, de um prisioneiro, a carta começava como todas as cartas para alguém distante que se ama, falava de saudades, da separação e do sofrimento, evocava ocasiões felizes dos tempos em que não havia paredes e grades a separá-los, depois, havia um girassol desenhado a meio da página, ao que se seguia uma pequena história infantil ilustrada por desenhos, talvez não fosse uma louca, podia ser uma manobra da resistência para o manipularem mentalmente até conseguirem a sua colaboração, examinou os desenhos a contra-luz, os traços apenas iniciados e recobertos por outros pareciam-lhe formar desenhos dissimulados, mas não, não iam conseguir, ele tinha anos de experiência naquela função e, antes disso, trabalhara na Secção de Dialéctica onde a verdade vinha sempre ao de cima, com ou sem tortura, era uma infantilidade pensarem que o iriam vergar com manobras psicológicas rudimentares, apagou os desenhos com uma borracha, e passou o corrector no que restava da carta – Nunca te vi! – parecia responder à pedinte, enquanto carregava com força no corrector; no dia seguinte,

e nos que se seguiram a este, não voltou a ser abordada por ela, ainda que continuasse a vê-la pela praça, sentada num banco a fumar alguma beata que apanhara do chão, ou a mendigar comida e dinheiro para comida, não era importante, era uma improdutiva sem valor, e sentia vergonha de si mesmo por ter tido medo dela; as migalhas de ansiedade que aquela estranha espalhara na sua rotina diária foram prontamente esquecidas quando o superintendente, em reconhecimento pelo seu trabalho, prometeu que o iria propor para a comissão de artes, sentiu-se inundar de alegria, pertencer à comissão era uma distinção reservada a poucos, porque também poucos eram os considerados dignos de sancionar ou reprovando as obras e manifestações artísticas, era o vértice iluminado da sua carreira árdua e aplicada, no sábado seguinte, prometeu o superintendente, iria haver uma cerimónia pública no salão de conferências, e a sua promoção seria oficializada entre outras homenagens e distinções, agradeceu copiosamente ao homem, e estendeu a sua gratidão ao seu trabalho diário, apagando ou corrigindo textos com uma determinação inusitada e reprovando obras à menor proximidade de suspeita, o aparelho de Estado elevava-o e ele cimentava as causas dessa eleição; no meio de tanto entusiasmo, os dias passaram-se num ápice e, quando deu por si, chegara a manhã de sábado, vestiu-se com o seu fato de cerimónia, e dirigiu-se ao Metropolitano, distribuindo sorrisos em volta como um César na sua marcha triunfal, nos subterrâneos meteu o passe na ranhura da máquina, e o passe foi regurgitado novamente, com a indicação de que o passe era inválido, experimentou ainda duas vezes mas o resultado foi o mesmo, observou-o, o passe perdera a cor de um dia para o outro e o seu nome tornara-se ilegível, se calhar, em algum momento, deixara-o exposto ao Sol e dera naquilo, inspirou fundo, não ia deixar que aquilo lhe estragasse o dia, desencantou umas moedas na carteira e retirou um bilhete que lhe permitiu, finalmente, apanhar o metro até à estação das Flores, dirigiu-se à sede com a preocupação de não andar depressa demais, porque isso podia fazê-lo transpirar, o que causaria uma má impressão aos seus superiores, como ainda faltava mais de uma hora para o início da

cerimónia, decidiu dar uma saltada até à sua secretária, para espiar se lá tinham deixado muito trabalho para ele – partindo do princípio de que ainda lá trabalharia na semana seguinte – na entrada da sede, parou no controlo de passagem, cumprimentou o guarda, que conhecia há anos, e apresentou a sua identificação; ao contrário do habitual, o guarda mostrou um semblante carregado, e pôde perceber porquê, o cartão estava ilegível, traços negros recobriam todas as letras e dígitos do cartão, e a moldura da foto estava vazia – Você conhece-me! Afirmou e ditou o seu nome e número de código, o guarda fez um telefonema com os olhos e a arma apontados para ele, decorreram longos minutos, agora sim, transpirava como um porco numa sauna, chegaram mais três guardas, o que os encabeçava estudou-o com um olhar acerado, informando o primeiro com um menear negativo da cabeça, estava cercado, convidaram-no a entrar, se dizia trabalhar ali, era bom que esclarecesse a pretensão, conhecia aquele convite e todo o processo que iniciava, não tinha volta até acabar numa prisão ou numa vala colectiva – Foi um engano! – ouviu-se dizer – Queria ir à cerimónia e enganei-me na entrada! Começou a andar às arrecuas e, para sua surpresa, os guardas não esboçaram nenhuma reacção ao seu gesto patético, era-lhes indiferente, deviam tê-lo tomado por um louco; com uma sensação de angústia no peito e as têmporas a latejar, contornou o edifício até ao salão grande, que estava cheio de gente, ainda que metade daquelas pessoas fossem guardas camuflados, o Partido gostava daquelas sessões abertas ao grande público, não lhes fazia moossa que as pessoas soubessem do que se passava naquele edifício e os nomes e rostos dos que ali trabalhavam, era uma demonstração de virilidade, se ninguém fazia nada era porque estavam subjugados, e se alguém tentasse alguma coisa, a repressão rápida e inclemente desencorajaria futuras repetições, apenas conseguiu um lugar em pé encostado a uma parede lateral, onde esperou pelo início do hino, e quando os primeiros acordes soaram e todos se puseram de pé, arrepiou caminho até à coxia duma das filas da frente, destinada aos operativos da casa, onde encontrou e ocupou um lugar vago, mesmo diante da tribuna

do orador, sob o olhar firme mas paternalista da foto do Marechal; esperou, ouviu indiferente os discursos, os poemas à nação dos vates do regime, a leitura das estatísticas que comprovavam o acelerado crescimento económico e o agigantamento do país na cena internacional, esperou pacientemente até o superintendente subir à tribuna e anunciar os nomes dos heróicos e leais servidores da causa que, pelos seus feitos e contributos, iriam ser recompensados pela pátria, desfilaram os nomes na sua garganta, omitindo o seu; numa pausa da oratória, saiu do seu lugar e subiu alguns degraus junto da tribuna, o superintendente fitou-o, a expressão e os olhos serenos, como se nunca o tivesse visto, imaginou, pressentiu, a agitação dos polícias, as armas apontadas para si – Deseja alguma coisa, cidadão? – perguntou aquele que tivera como seu guia e mentor durante tantos anos; em resposta, ergueu as mãos ao alto e começou a aplaudir com energia, sendo imitado por todos os presentes na sala, para lisonja do superintendente, e tão alto momento de fervor patriótico despertou a letargia da pequena orquestra, que atacou de novo os acordes do hino, dando-lhe a oportunidade de que precisava para sair da vista de todos e abandonar o edifício; regressou a casa a pé, havia sempre soldados e polícias nas estações do metro, e temia estar a ser alvo duma operação de limpeza, um *progrom* interno movido por alguma suspeita semelhante às que presidiam ao seu ofício de censor, talvez fosse uma denúncia, ou o tivessem visto a conversar com aquela pedinte, não fazia ideia, mas sabia que não era preciso muito para uma pessoa desaparecer da vista de todos para nunca mais ser visto; já com o Sol a pino chegou ao prédio antigo onde ocupava um quarto nas águas-furtadas, subiu as escadas de madeira carcomida, ouvindo atrás de si uns passos pesados, galgou os degraus de dois em dois e chegou à porta do seu quarto, puxou das chaves, mas estas escaparam-se-lhe para o chão na penumbra, resgatou-as com gestos trémulos e, quando meteu a chave na fechadura, sentiu uma mão pesada a abater-se sobre a sua, enquanto um objecto o atingia com força no alto da cabeça, o seu corpo desabou sobre o chão do corredor; a custo, reagiu e soergueu-se sobre um cotovelo,

com o sangue a escorrer-lhe sobre os olhos e fitou a sua senhoria, aquela baleia disforme, a ameaçá-lo com uma bengala de punho metálico – Quem é o senhor, e o que faz nesta casa? – guinchou – Sou o seu inquilino, lembra-se? Moro neste quarto há quinze anos! Posso prová-lo, tome a minha carteira, estão lá os meus documentos, e os últimos recibos, assinados por si! Ela apanhou a carteira atirada por ele, e vasculhou-a; não havia recibos, e todos os documentos pessoais eram inúteis pedaços de cartão listados a negro. Ela devolveu-a e pediu-lhe a chave – Não sei o que você fez ao meu inquilino, mas não lhe vai roubar a casa porque eu não deixo, e saia daqui antes que eu chame a polícia! Esgueirou-se entre ela e a parede e desceu as escadas, tirou a gravata, que já tinha o nó aliviado, e comprimiu-a sobre a ferida para estancar o sangue, na rua, andou ao acaso e sem destino, não percebia, tinha sido queimado, mas ninguém o havia prendido, talvez o quisessem fazer pela calada da noite e tinha de haver alguém a segui-lo naquele preciso momento, a orquestrar o seu desaparecimento; com o dinheiro que lhe restava apanhou diversos transportes públicos de uma forma aleatória e, quando saiu do último viu-se, para sua surpresa, em plena Praça das Flores, andou um pouco pela orla de sombra dos ulmeiros, e sentou-se num banco vazio, donde tinha uma boa visão de toda a praça, ficou numa espécie de letargia durante horas, receando sem saber quem ou o quê, até a luz se tornar mais dócil em redor, e a pedinte do outro dia surgir diante de si, fixando-o nos olhos inquietos e assustados, sentou-se à sua beira, e, quando esperava dela gestos ou palavras tresloucados, ela desembulhou um pano que trazia na mão e ofereceu-lhe o que restava duma sandes que alguém lhe dera ou que salvara dalgum caixote do lixo, comeu-a com apetite, apesar de sentir nos dentes o restolhar de terra – Não te menosprezes – disse ela – o teu trabalho era mais importante do que aquilo que tu julgas, tu apagavas vidas, delias memórias, e a espiral vai-se fechando sobre o seu centro até que, de uma forma caprichosa que talvez alguém, um dia, venha a equacionar, nós somos também apagados da memória dos outros, perdem a percepção do nosso nome e de quem somos, por

vezes, nem nos vêem e chocam contra nós como se fôssemos feitos de ar. Mas vai ficar tudo bem, a gente habitua-se! Ele olhava-a, pasmado, o que ela lhe dissera não parecia fazer sentido, mas sentiu que se havia dissolvido a multidão de inimigos postados na sombra, surgindo em sua substituição, o espectro duma existência solitária e fantasmática – Trabalhamos juntos os dois? Muito tempo? – Ela passou o braço sobre os seus ombros, como se confortasse uma criança ferida num joelho – Tenho um filho teu! Vai ficar tudo bem, vais ver!

**Fim**



**José Eduardo Lopes**, nascido em Moçambique (Moatize, distrito de Tete), vive e trabalha em Caldas da Rainha, sua terra de adoção.

Colaborador das revistas *on-line* Minguante e Veredas, possui também um *e-book*, As Metamorfoses de Ouvido, editado pela Minguante.

O blogue Estrada de Santiago, é o seu caderno de rascunhos virtual.

Letrário\*  
editora

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

[http://www.letorario.pt/1\\_pt/900/9001.htm](http://www.letorario.pt/1_pt/900/9001.htm)

+ 351 21 711 20 20

[letorario@letorario.pt](mailto:letorario@letorario.pt)